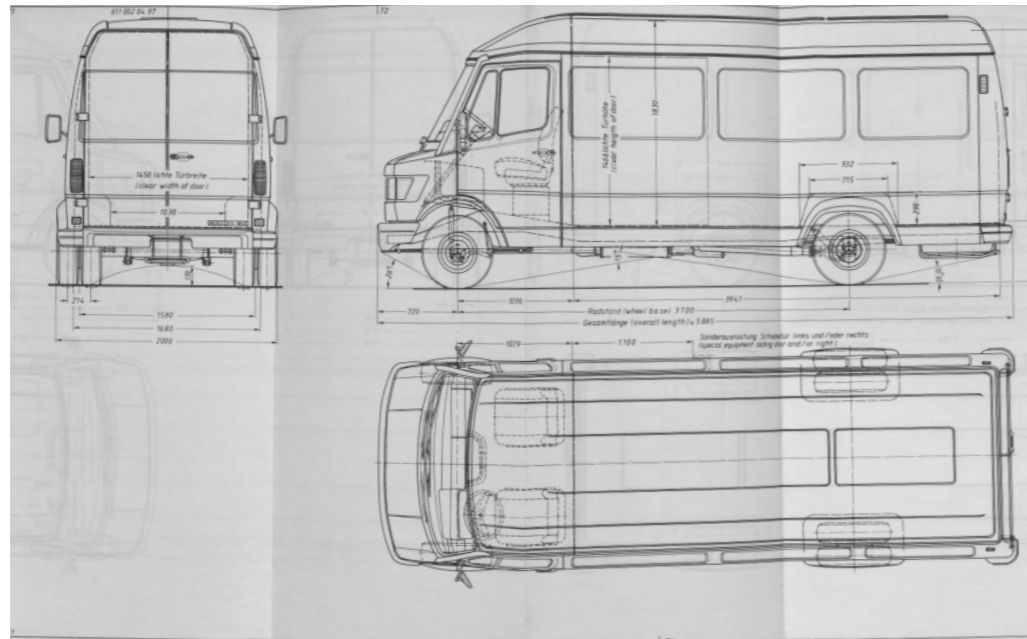




“Durante um bom bocado - como conseguia nos melhores momentos da minha vida -,
esqueci-me do meu nome. “

Enrique Vila-Matas, *Perder Teorias*



Estrutura original Mercedes 410D usada como base para o Cabanon; Direita: Maquete

Sonhos ou “Coisas que pensei durante o jantar e anotei”

Quando nasci não tinha raízes. A viagem era a procura onde seria a próxima morada. Lembro-me a cada paragem, a aventura de construir, por meios frágeis, pequenos encontros com cada sítio. Guardava materiais, cordas, alguns paus de madeira, uns tecidos que ia encontrando, uns faziam sombra outros um chão. Cada paragem um jogo, sombra ou sol, dependendo do clima, para onde enquadrado a minha única janela. Sempre procurei esses jogos, sempre os quis jogar. Lembro-me quando fazia jantares, improvisava pequenas instalações. As lâmpadas que rodeava de plantas, que entretanto já tinham secado, eram abajours improvisados. Sempre procurei esses jogos, é quando me sinto livre. Não saber onde ia dormir, se chegasse a um sítio durante a noite não saber onde ia acordar, sempre adorei as manhãs. Lembro-me de comprar melancias muito frescas na beira da estrada, ou provar a batata mais doce. Por vezes só queria esses dois ingredientes para comer e tinha de improvisar várias formas de cozinhar. Por exemplo, às vezes cortava a melancia em semi-esferas com uma colher e outras cortava às fatias grandes que raspava casca de lima, sempre adorei esses improvisos. Já a batata doce, além das batatas fritas, deixadas a repousar meia hora em água com sal e uma folha de louro, não consigo explicar porque é que ficam melhores mas ficam, parece que perdem uma camada que fica à tona da água, pode-se fazer uma compota de batata doce, quase sem açúcar, uma casca de limão e um pau de canela. Não tinha entrada, prato principal e sobremesa, tinha isto e comia com o respeito e carinho por todo o processo desde a semente até à mesa, sempre acompanhado por uma garrafa de vinho. Sempre adorei esses jogos, não envelheci. Uma vez de janela aberta e com preguiça de cozinhar ganho um novo vizinho, um casal com dois cães, também eles um casal, lindos, raçados de epagnoul breton, ela de pêlo curto e ele comprido e um olho meio fechado, como uma reencarnação de Camões. Sairam a correr para procederem à marcação da sua nova morada e encontraram-me, deitado com uma perna de fora que cheiraram e se fizeram notar pela sua presença. Nunca mais me esqueço, Milo e Mona eram os nomes deles. Juntamos as comidas nesse final de tarde, comemos e bebemos juntos, derrotamos preconceitos, jogamos com as palavras e as histórias que fomos contando. Adormecemos de janela aberta

com o cheiro do Alentejo a misturar-se com o pão e o azeite. Sempre adorei estes jogos. Quando comecei a viajar mais vezes, mais no inverno, instalei uma salamandra, lembro-me da primeira noite, o calor insuportável dentro, as clarabóias embaciadas, as fotos presas com ímans por cima do papel de alumínio que isolava a minha única parede de seis centímetros que iam caindo. Lentamente todos os livros que tinha passaram para a caravana, senti que não tinha espaço ou tempo para eles na minha “casa”. Levava comigo todo o tipo de livros, revistas de arquitectura, livros de poesia, todos de ilustração que fui coleccionando, principalmente *O pequeno azul e o pequeno amarelo* do Leo Lionni. Há anos que não abria alguns e mesmo assim levei-os. Enchiam as únicas prateleiras juntamente com os objectos que ia coleccionando, nunca consegui viver sem aquelas coisas. No limite, imagino a liberdade que será viver sem livros ou objectos, sem mesa, sem computador ou música, imagino o que será viver de pensamentos sem os precisar de extrair duas vezes. Era o meu espaço mental em forma, tinha tudo aquilo que acreditava. Nunca quis janelas, queria uma relação táctil com o meu exterior, o vidro sempre me pareceu uma mentira. Transporta-nos um falso exterior, em que os cheiros, os sons, as formas e as cores são alteradas. Queria três janelas viradas para o céu, esse lugar comum a qualquer paisagem. Sempre tive a última morada de Lewerentz na minha memória, queria aquela atmosfera, em que tudo apontava para a intensidade dos pensamentos, para a “verdade” das coisas. Quando abria a minha única janela, aquela paisagem transformava-se no resto da minha casa - e vice-versa. Sempre gostei destes jogos-em-andamento. Lembro-me de viajar até ao norte de Espanha e estacionar no cabo Finisterra de frente para a América. Cheguei, fui abrir a janela e a um metro de mim um pequeno muro, de cinquenta centímetros que me protegia de uma falésia de mais de cem metros onde as ondas batiam e traziam pequenos vapores para dentro. Deitado só via a linha de horizonte e o pôr do sol de um dia de verão que se demorava e rasgava o meu quarto. Sempre gostei destes jogos, que só a solidão pode provocar, a simplicidade das coisas simples.

(Acho que nunca a desenhei)

Estrutura original Mercedes 410D

Estrutura metálica com cabos para impedir a queda da arrumação superior

Vidro duplo com fixação com silicone em estrutura metálica

Capacete de zinco

Capacete de zinco e tubo de saída de fumos da salamandra

Isolamento Lã de Rocha com revestimento em alumínio. 5 cm

Revestimento de alumínio

Porta original sem janelas

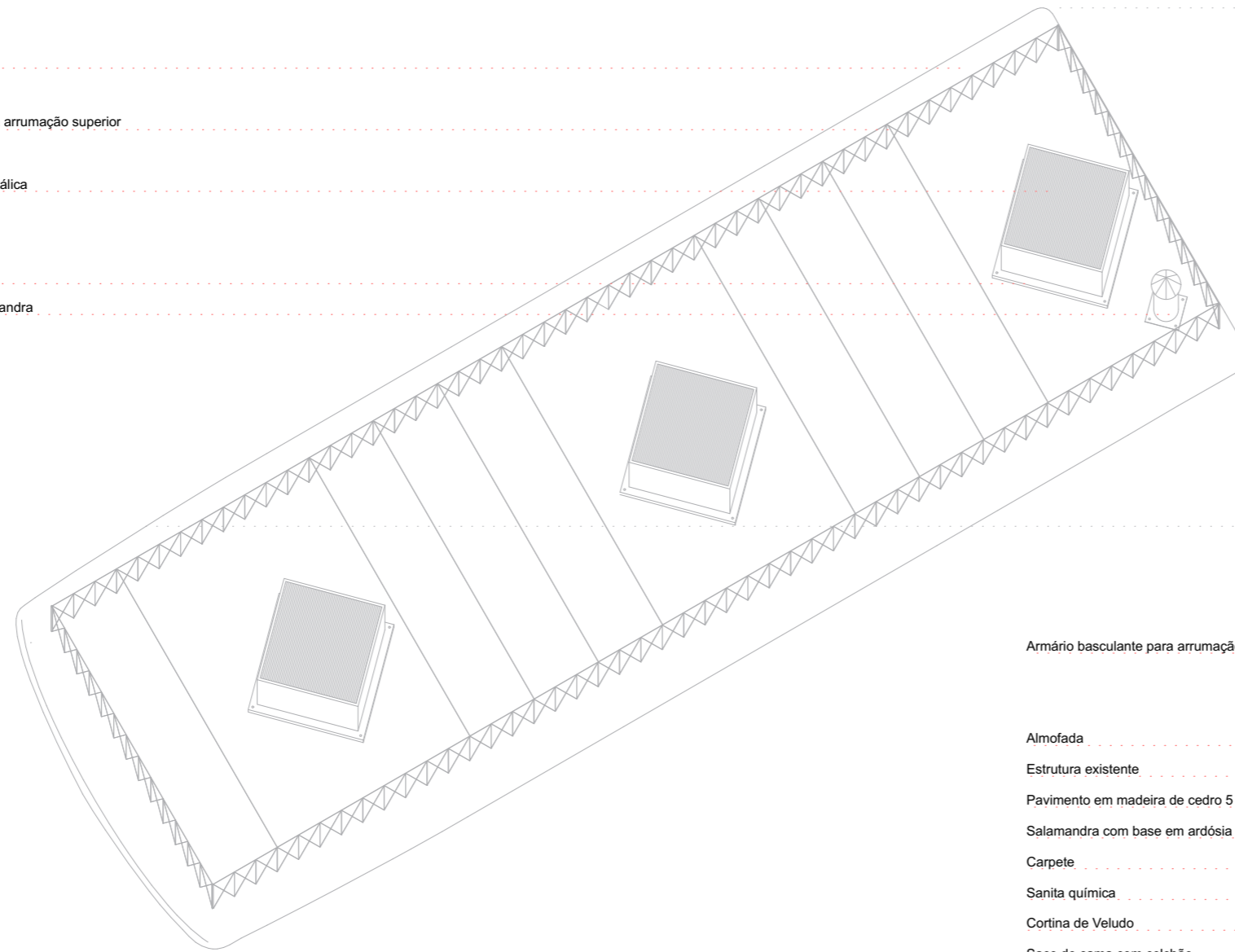
Estrutura do móvel interior em Cedro

Candeeiro de ajuste flexível

Mesa de trabalho em Cedro

Cadeira de espessura 4 cm para encaixe na zona lateral da mesa

Peça metálica para impedir o movimento dos livros



Armário basculante para arrumação da louça e alimentos

Almofada

Estrutura existente

Pavimento em madeira de cedro 5 cm de largura

Salamandra com base em ardósia

Carpete

Sanita química

Cortina de Veludo

Saco de cama com colchão

Espelho

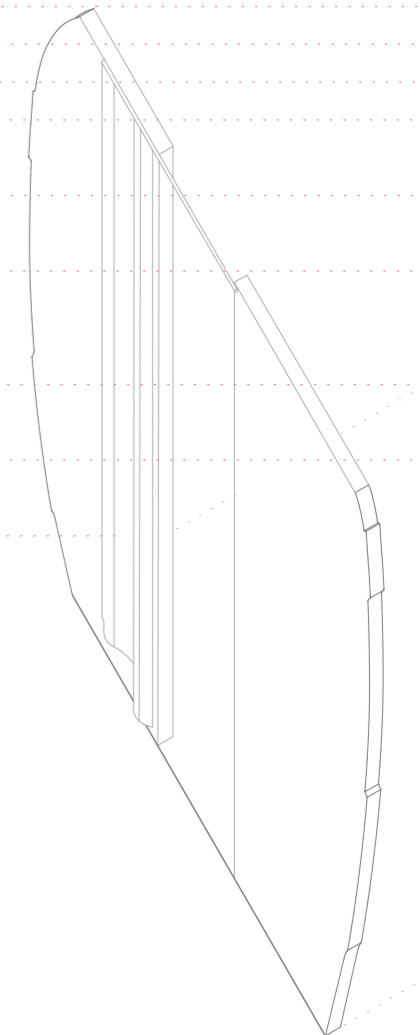
Torneira e chuveiro

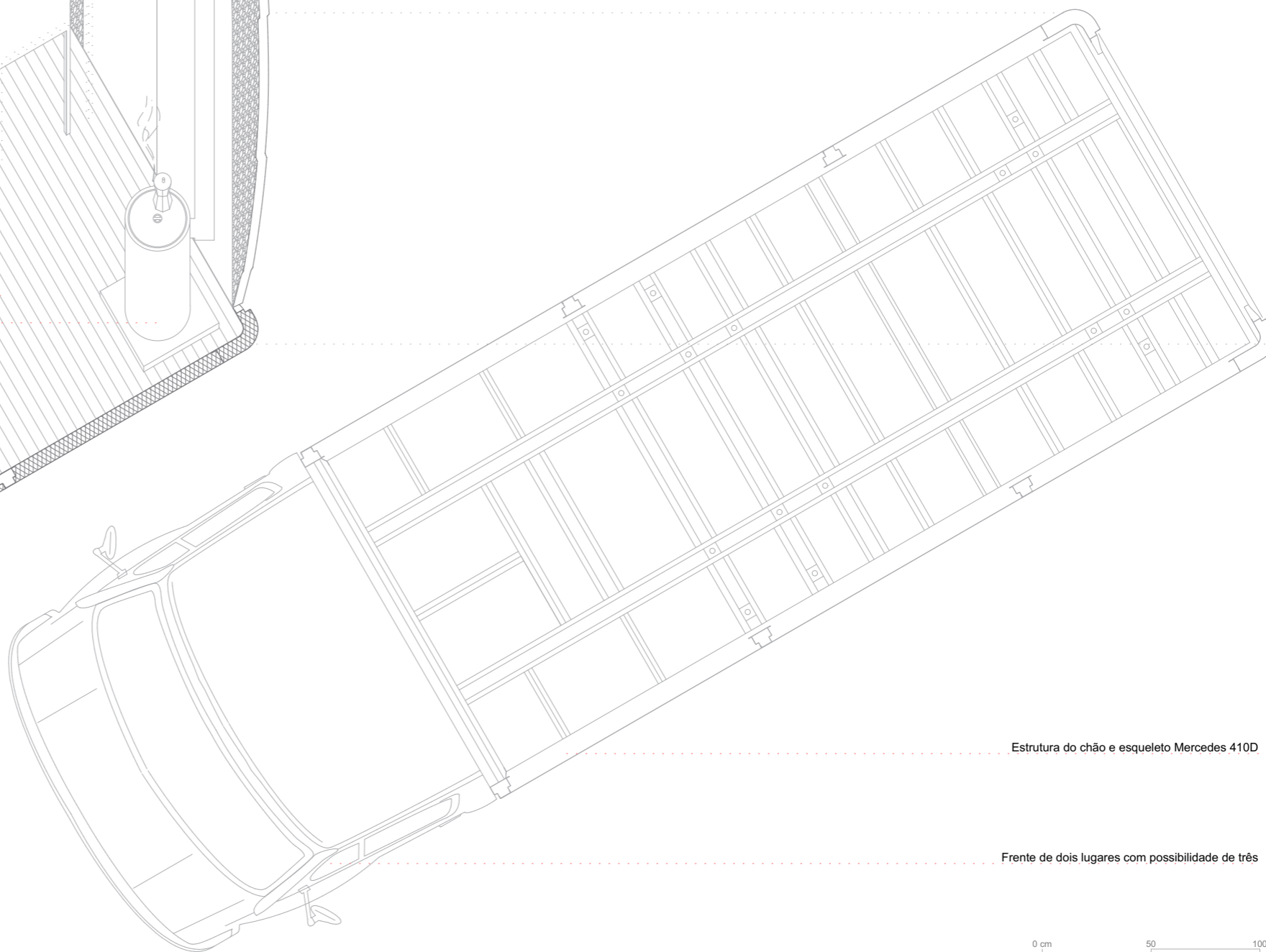
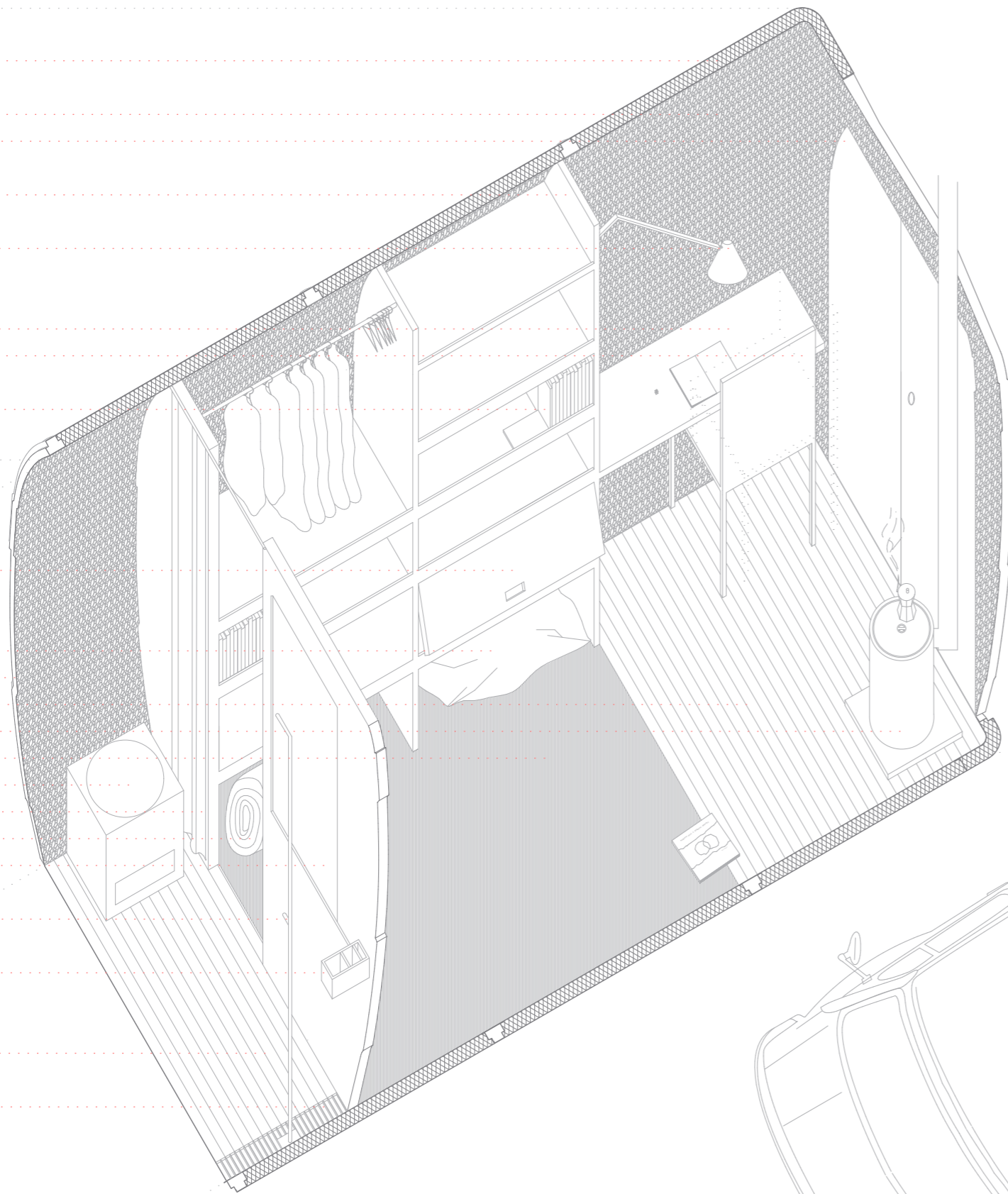
Apoio ao Wc em madeira

Pavimento em Cedro 5 cm

Grelha metálica

Cortina de Veludo





Estrutura do chão e esqueleto Mercedes 410D

Frente de dois lugares com possibilidade de três



“Coisas que pensei durante o jantar e não anotei”

A disciplina existe em constante mudança. Parece-me que os problemas são estruturais no desígnio da mesma por um projecto comum. A profissão está desregulada porque tudo tem se vindo a desregular em todos os campos e aspectos da sociedade. A pressão do mercado afecta o seu desígnio e retira o discurso da produção do espaço e substitui por oportunidade e individualismo. Pergunto-me se existe algum refúgio no projecto, ou se este sempre foi isso mesmo, uma opção de refúgio por um futuro que “há-de vir”. Mesmo aqui, no projecto, a multiplicação das regulamentações e burocracias acrescem as dificuldades e os condicionamentos do projecto, inibindo por vezes a possibilidade de um projecto mais experimentalista, com um carácter e problemáticas que possam questionar certas relações na organização da vida no espaço. Sempre me pareceu que a resposta, ou melhor, o refazer da pergunta estaria numa concentração de poder nos Estados e na capacidade que estes teriam de dar às várias disciplinas a capacidade de repensar, recriar e reestruturar a forma como as cidades se têm vindo a desenvolver. Os pequenos associativismos, cooperativas, iniciativas que provocam o espaço social não têm escala para os ataques que vão sendo feitos à cidade mas talvez seja a única saída. Conquistar as ruas. Que o projecto seja mais abrangente no seu campo de acção, que alargue as suas dimensões, os seus intervenientes e a forma como se actua. Que o arquitecto encontre caminhos distintos para o fazer do projecto sabendo que tudo é cidade, que tudo está em relação. Talvez o caminho também passe pelas coisas simples, fazer todos os dias pequenos gestos de arquitectura, não apenas edifícios mas também infraestruturas. Comprar produtos não transformados, em que o produtor seja mais remunerado e não apenas as plataformas transformadoras. Começar por baixo, aos poucos, a conquistar algum sentido de escala nas nossas acções diárias e depois jogar nesses mesmos círculos possibilidades de intersecções, noutras relações, noutras disciplinas. Usar menos o carro e mais os transportes públicos, aprender a esperar e a esperar-em-conjunto. Estar atento, usar o global com sentido crítico, ser tolerante e determinar valores comuns. Não querer muito, estimular as relações, estar consciente do vizinho. Reduzir os muros entre casas, comunicar com o estranho, com o Outro. Talvez uma linguagem, como esta sugerida neste diálogo do filme de Louis Malle, escrito pelos dois actores principais, Wallace Shawn e Andre Gregory *My dinner with Andre*.



Andre: Bem, Eu concordo contigo, Wally. Mas o problema é que as pessoas agora não conseguem ver a loja dos cigarros. Quer dizer, as coisas não afectam as pessoas da forma como afectavam. Pode ser que daqui a dez anos, as pessoas paguem dez mil dólares em dinheiro para serem castradas, só para que se sintam afectadas por algo.

Wally: Bem, porque é que tu pensas que isso é assim? Quero dizer, é porque as pessoas estão perguiçosas hoje, ou estão aborrecidas? Somos todos crianças mimadas, aborrecidas que estão deitadas na banheira o dia todo a jogar com o pato de borracha, enquanto pensam, “Há alguma coisa que eu possa fazer?”

Andre: Sim, nós estamos aborrecidos. Estamos todos aborrecidos agora. Mas já te ocorreu, que o processo que cria esse aborrecimento que vemos no mundo pode muito bem ser uma forma perpétua e inconsciente de lavagem cerebral criada por um governo totalitário com base no dinheiro? E que tudo isto é muito mais perigoso do que uma pessoa pensa. E que não é apenas uma questão de sobrevivência individual, mas que alguém que está aborrecido está a dormir? E alguém que está a dormir não vai dizer que não?

Andre: Continuo a encontrar-me com certas pessoas. Há uns dias estive com um homem que admiro, um físico sueco, Gustav Björnstrand, e ele disse-me que já não vê televisão, não lê os jornais e já nem lê revistas. Cortou completamente da sua vida porque ele sente que nós estamos a viver numa espécie de pesadelo Orweliano e que tudo o que ouves contribui para te tornares num robô.

Andre: Quando eu estava em Findhorn, conheci um especialista em árvores que tinha dedicado a sua vida a salvá-las. Tinha acabado de voltar de Washington, em negociações para salvar o pau-brasil. Tem 84 anos e viaja sempre com uma mochila porque nunca sabe onde vai estar no dia seguinte. Quando o conheci ele disse-me: “De onde és?” e eu respondi “Nova Iorque”. E ele perguntou “Ah Nova Iorque! É um sítio muito interessante. Sabes aquilo que os nova iorquinos estão sempre a dizer, que querem sair de lá mas nunca o fazem? Imaginas porquê?” Respondi com algumas teorias banais.

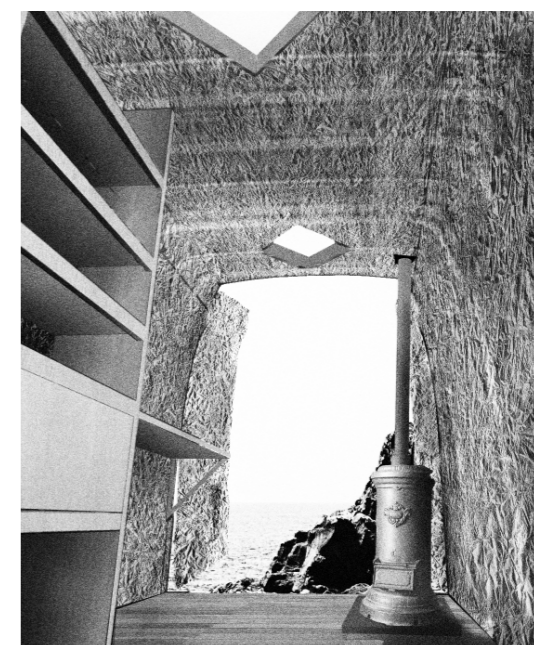
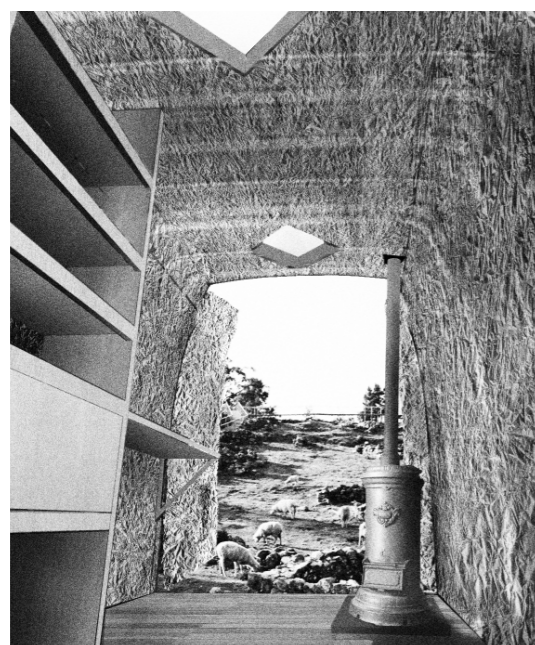
Andre: Ao que ele respondeu: “Eu acho que Nova Iorque é o novo modelo do campo de concentração, onde o campo é construído pelos prisioneiros e que os prisioneiros são os próprios guardas que

têm o orgulho de o ter construído. Construíram a sua própria prisão. Existem num estado de esquisofrenia em que são simultaneamente guarda e prisioneiro, e como resultado já não têm, tendo sido lobotomizados, a capacidade de sair da prisão que eles criaram ou mesmo de o ver como uma prisão.” Ele olhou para mim, pôs uma semente de pinheiro na minha mão e disse-me “Isto é um pinheiro, sai antes que seja tarde de mais”

(...)

Andre: Sabes, tenho vindo a pensar que o que nós precisamos é de uma *nova linguagem*, uma linguagem do coração. Uma linguagem, como na floresta na Polónia onde a linguagem não é necessária. Algum tipo de linguagem entre as pessoas que é um novo tipo de poesia, como a poesia da abelha que dança e aponta onde é que está o mel. E eu acho que, para criar essa linguagem, vamos ter de aprender a passar para o outro lado do espelho, para uma outra percepção, onde vamos sentir que estamos unidos com todas as coisas e de repente... percebemos tudo.

Tradução livre



Vista interior do “Cabanon” proposto com “a única janela aberta” em diferentes situações